



SÃO PAULO METRÓPOLE

MEYER, REGINA MARIA PROSPERI;
GROSTEIN, MARTA DORA;
BIDERMAN, CIRO. SÃO PAULO:
EDUSP; IMPRENSA OFICIAL DO ESTADO
DE SÃO PAULO, 2004, 296 P.

José Eli da Veiga

160

pós-

A metrópole em foco

A principal metrópole da América do Sul constitui um dos mais desafiadores programas de pesquisa das ciências sociais aplicadas ao território, pois é um imenso (e talvez “monstruoso”) sistema adaptativo complexo. Assim como são o aprendizado e o raciocínio entre animais (inclusive nos seres humanos), o funcionamento do sistema imunológico dos mamíferos, o comportamento dos investidores no mercado financeiro, ou o comportamento dos organismos nos sistemas ecológicos.

A característica comum de todos esses processos é que cada um deles adquire informação tanto sobre seu meio ambiente quanto sobre sua própria interação com o mesmo, identificando regularidades nessa informação, e condensando tais regularidades em um tipo de “esquema” ou “modelo”, que passa a ser a base de seu comportamento. Em cada caso concreto, há vários desses “esquemas” competindo, e os resultados da ação se retroalimentam e influenciam a competição entre eles.

Certamente é por isso que a organização urbana de qualquer metrópole contemporânea já não corresponde mais a conceitos, até ontem largamente aceitos, para identificá-la. As metrópoles vêm incorporando muitas características inteiramente inéditas. Assim, o instrumental teórico construído para interpretar a metrópole industrial moderna já não dá conta da atual configuração física e desempenho funcional do caso paulistano. Por isso, o livro *São Paulo Metrópole* é um gigantesco e incomparável avanço no plano empírico, que também serve de alerta para a atual indistigável perplexidade teórica dos “urbanistas”, sejam eles arquitetos, geógrafos, economistas, ou sociólogos.

A leitura dessa obra obriga a pensar no último capítulo do clássico *Morte e vida de grandes cidades* (São Paulo: Martins Fontes, 2000). Em 1961, ao discutir

“o tipo de problema que é a cidade”, Jane Jacobs já alertava tratar-se de complexidade organizada, um tipo de questão semelhante às que desafiam as ciências biológicas. São similares às possibilidades de compreensão de objetos tão distintos, pois ambos dependem de uma visão microscópica (ou detalhada). E não das duas outras opções: a visão a olho nu (menos detalhada), própria para problemas de simplicidade elementar, e a visão telescópica, distante, própria para os problemas de complexidade desorganizada.

A proposta da pesquisa que originou o livro corresponde à velha diretriz de Jacobs. E levou à conclusão de ser imprescindível subdividir os mais variados aspectos da vida paulistana em dois grupos essenciais. O primeiro foi identificado como um padrão de urbanização dito “modernizado”, e comprometido, do ponto de vista puramente funcional, com a reestruturação produtiva e novos processos funcionais a ela associados. O segundo, considerado “precário”, foi entendido como remanescente do território produzido ao longo do ciclo industrial.

Longe de voltar a medir a distância entre os dois extremos da escala espacial que os separa (o que, a rigor, seria “chover no molhado”), a ambição do trabalho foi chegar a um resultado bem mais revelador: a concomitância entre a existência de ações modernizadoras e a omissão de iniciativas diante da precariedade, acentuando o caráter complementar o qual os dois processos adquiriram ao longo do processo de desenvolvimento metropolitano. Uma concomitância entre dois aspectos, ou uma complementação entre dois processos, que os autores dizem estar “dialeticamente relacionados”.

Essas novas configurações, longe de demarcar uma descontinuidade espacial ou um deslocamento temporal, evidenciam, segundo os autores, um padrão urbano no qual se imbricam precariedade e modernização, superpondo-se, e gerando um espaço que seria característico de um novo padrão de urbanização designado como “modernização precária”.

Mesmo que não se considere dos mais convincentes esse tipo de caracterização, é preciso reconhecer que sobre a metrópole paulistana não existe pesquisa mais séria e profunda, o que só dificulta a possibilidade de esta resenha ser mais crítica, apontando as questões as quais, certamente, ainda exigirão avanços na reflexão dos três autores. Qualquer outro reparo, seguramente, substituirá e ocultará algum aspecto alentador que mereceria ser ainda mais realçado.

José Eli da Veiga

Professor titular do Departamento de Economia da FEA/USP, é autor de *Desenvolvimento sustentável – O desafio do século XXI* (Garamond, 2005).